

# GUADALUPE

## Antecedentes de duas culturas que se encontram

Gerardo Custodio López  
gerclsx@yahoo.com.mx

**RESUMO:** Em 14 de agosto de 2017, foi exposta ao público em Guadalajara uma escultura que apresenta aspectos culturais da história mexicana e criou polêmica e opiniões variadas. As culturas se encontram e misturam-se, formando símbolos que dão vida aos povos. Esta escultura possui características de Maria de Guadalupe, de serpentes e caveiras. Sua interpretação depende do conhecimento do que há na raiz da nossa história. Tanto podem ser adulados pelos aspetos que a compõem, como podem ser criticados por sobrepor elementos que parecem denigrir o sentido da religiosidade da maioria. Este é um exemplo de como foi a história dos povos. México formou uma história própria ao longo do tempo antes da chegada dos europeus no século XVI. Outra coisa aconteceu depois dessa invasão. Duas culturas se encontram. Uma quer impor-se sobre a outra e a domina, apagando os valores locais que, sem conhecê-los, os descartam. O evento guadalupano tem outros elementos que ajudariam a compreendê-lo melhor. Não basta manter a própria opinião, que pode ser limitada. Compreender os antecedentes próprios das duas culturas que se encontram ou se sobrepõem: a náhuatl e a espanhola, nos ajudará a valorizar com mais precisão a chegada de Maria de Guadalupe e, ao mesmo tempo, discernir os símbolos que dela derivam.

**ABSTRACT:** On August 14, 2017, a sculpture that represents cultural aspects of Mexican history was shown to the public in Guadalajara and created controversy and multiple opinions. Cultures meet and mix, shaping symbols that give life to nations. Such sculpture presents traits of Maria de Guadalupe, of serpents and skulls. Its interpretation depends on the knowledge of what is at the root of our Mexican history. It can either be praised for the different facets that comprise it or criticized for juxtaposing elements that seem to denigrate the religiosity of the masses. This is an example of what the history of nations has been. Mexico had created its own history through time prior to the arrival of the Europeans in the XVI century. But something else happened after the European invasion: Two cultures met. One of them imposes itself over the other and dominates it, erasing the local values, and discarding them without even knowing them. The event of

*Guadalupe possesses several elements to help us understand what just happened. It is not enough to have your own opinion, because it can be limited. Understanding the antecedents specific to the two cultures that meet and juxtapose – the Nahuatl and the Spanish – will help us more precisely appreciate the arrival of Maria de Guadalupe and, at the same time, discern the symbols that derive from it.*

## I. A VISÃO DO MUNDO ASTECA

Os astecas estiveram unidos a grupos que receberam uma rica tradição, como foi o sentido do divino que deu origem a um estilo de vida que impregnou todos os seus costumes e crenças. Eles estavam convencidos de ser o povo escolhido de Deus, um povo com uma missão que consistia em alimentar o sol com o sangue humano obtido nos sacrifícios. As vítimas eram principalmente cativos de guerras. Seus valores eram transmitidos aos descendentes em casa e na escola.

O povo asteca foi uma sociedade relativamente recente. De fato, suas fronteiras eram mais políticas que culturais. Mesoamérica estava constituída pelos territórios do México e da maior parte da América Central. Possuíam características similares que faziam possível que as culturas em desenvolvimento mantivessem a coesão e a unidade. Mas, ao mesmo tempo, esses grupos estavam adquirindo suas próprias e únicas experiências de acordo com as condições de vida que tinham. Isso levou à aparência de povos culturalmente distintos.

Os historiadores concordam que os Olmecas são o grupo original da Mesoamérica. As grandes cidades olmecas são do século XIII a. C. e mantiveram um controle cultural e político por 900 anos aproximadamente.<sup>1</sup>

A sociedade olmeca começou a se fragmentar em grupos autônomos no ano 900 d.C. marcando o fim da era clássica. Os habitantes de Tula e seus arredores começaram a se identificar como

---

<sup>1</sup> Cf. Ignacio Bernal, “Formación y desarrollo de Mesoamérica” en El Colegio de México, *Historia General de México I* (México, 1981), 125-164.

os Toltecas.<sup>2</sup> Ao mesmo tempo, os habitantes do vale central do México eram chamados de “Chichimecas”. Eles eram caçadores, culturalmente influenciados por seus vizinhos toltecas. Assim, a sociedade olmeca foi dividida em diferentes povos.<sup>3</sup> Apesar das diferenças, as línguas usadas vieram de uma única matriz que era náhuatl, então eles foram identificados como Nahuatl.<sup>4</sup>

Dentro desses grupos, os Mexicas ou as Astecas<sup>5</sup> foram os últimos a chegar à área. Durante muito tempo, os Mexicas estiveram a serviço de grupos fortes, como os Colhuas e os Tepanecas.<sup>6</sup> Os astecas se abriram caminho fazendo alianças, lutando, conquistando e gradualmente deslocando seus inimigos, até se tornarem os mais fortes no vale central do México que decidiram fazer uma “nova história” onde eles apareceram como protagonistas principais. “Sua história foi mantida, mas depois foi queimada, quando Itzcóatl reinou no México... não é conveniente que todas as pessoas conheçam as pinturas”.<sup>7</sup>

---

<sup>2</sup> “Esses toltecas, como se diz, eram náhuas... eram ricos, porque sua habilidade logo os fez encontrar riqueza. É por isso que agora é dito sobre quem logo descobre riquezas “ele é o filho de Quetzalcóatl e Quetzalcóatl é o seu príncipe. Assim era o ser e a vida dos toltecas”. Miguel León Portilla, *Los Antiguos Mexicanos a Través de sus Crónicas*, (México: FCE, 1983), 33-34.

<sup>3</sup> Além dos Toltecs e Chichimecas, os outros grupos são: Colhuas, Tepanecas, Otomies, Acolhuas e Mexicas (astecas). Eles tinham em comum uma tradição, o conceito de Deus, a criação e estrutura do universo e a criação do ser humano. Os astecas adotaram o deus guerreiro Huitzilopochtli como o deus principal e, portanto, desenvolveram essa característica.

<sup>4</sup> O máximo desenvolvimento de esta cultura foi em Teotihuacán (s. IX d. C.), tendo a Quetzalcóatl como o deus principal. Com a queda de Teotihuacán, o povo se dispersou e fundou cidades como Tula.

<sup>5</sup> “Asteca, Mexica, Colhua-Mexica, Tenochca, Teo-Chichimeca são nomes para designar alo mesmo povo. O nome Asteca é dado de maneira errada à maioria dos índios mexicanos». Frederick Peterson, *Ancient Mexico: An Introduction to Pre-Hispanic Cultures* (New York: Capricorn Book Edition, 1962), 85.

<sup>6</sup> Cf. Pedro Carrasco, “La sociedad mexicana antes de la conquista” en *El Colegio de México, Historia General de México I* (México, 1981), 175.

<sup>7</sup> Informantes Indígenas de Sahagún, “Códice Matritense de la Real Academia” Vol. VIII, fol. 192v. Citado en León Portilla *Los Antiguos Mexicanos*, 90-91.

Os astecas impuseram seu poder para manter uma estrutura de domínio. Foi uma estrutura cosmogônica de poder da parte do estado.<sup>8</sup>

*O império estava formado com a finalidade de explorar outros grupos. Estava composto por cerca de trinta províncias, cada uma com uma praça central para cobrar os impostos ... os astecas estavam dirigindo-se para uma centralização ditatorial e política, baseada em um estilo de império hierárquico e um sistema de escravidão ou trabalho forçado, administrado por uma burocracia autocrática.*<sup>9</sup>

## 1. UM POVO RELIGIOSO

O valor que os astecas deram à religião foi o elemento-chave que influenciou toda a sua organização social e, em geral, ao longo de sua história. “Toribio de Motolinía disse que quando chegou pela nova terra: ‘Estamos entre pessoas muito religiosas’. Bernardino de Sahagún declarou: ‘A religião é a maior preocupação do povo’. E Clavijero acrescentou: ‘As pessoas têm uma ideia sobre o Deus supremo’”.<sup>10</sup>

Sua estrutura de cidade residia na convicção de serem os protegidos da divindade. Com essa crença, eles devem se dedicar com todas as suas forças para servir seu deus Huitzilopochtli. Isso foi o coração de sua civilização. As ações do asteca estavam relacionadas de alguma maneira com sua crença religiosa”.<sup>11</sup> Era uma teocracia militar, um povo com uma missão, uma cidade, Tenochtitlan<sup>12</sup>, um sinal: a águia e o captus com os frutos vermelhos, símbolo dos corações humanos”.<sup>13</sup>

<sup>8</sup> Cf. Broda, Carrasco, Matos, *The Great Temple of Tenochtitlán*, (Univ. of Ca. 1987), 138-139.

<sup>9</sup> Peterson, *Ancient Mexico*, 116.

<sup>10</sup> Charles Braden, *Religious Aspects of the Conquest of Mexico* (Durham, 1930), 20-21.

<sup>11</sup> Cf. Caso, *El Pueblo del Sol*, 117.

<sup>12</sup> Tenochtitlán é o nome da primeira cidade fundada pelos astecas, e logo foi conhecida como México-Tenochtitlán.

<sup>13</sup> Alfonso Caso, *El Pueblo del Sol* (México: Fondo de Cultura Económica, 1987), 118.

O culto de Huitzilopochtli teria que ser praticado nos templos do império. Era o orgulho, mas também ganhava o desprezo dos povos subjugados, que estavam esperando o momento para libertar-se da opressão.<sup>14</sup>

Os astecos acreditavam que eram colaboradores dos deuses, responsáveis pela sobrevivência do universo, na medida em que “o pecado mais grave é a falta de colaboração com o plano divino”.<sup>15</sup> Nem todos os grupos dominados acolheram o deus asteca Huitzilopochtli como sua principal divindade.<sup>16</sup> Mas eles impuseram sua vontade.

*A religião, como um cimento poderoso, uniu os vários elementos da sociedade. O poder inquestionável da religiosidade asteca impôs uma visão única do mundo a todas as pessoas... através de seus ritos, regulava-se a vida de seus membros. Era pela religião que a cidade e o povo eram um. A religião deu ao povo uma faceta medieval; e somente através da religião a sociedade poderia ser entendida.*<sup>17</sup>

A religião regia o povo, dando um toque particular à vida pessoal e à sua visão do mundo.<sup>18</sup> Suas crenças fizeram com que eles ganhassem um lugar na história, e seu império estava começando a se consolidar quando foram derrotados por um punhado de estrangeiros. “Uma vez que esta estrutura foi quebrada pelos invasores, não foi surpresa que tudo caiu em ruínas”.<sup>19</sup>

---

<sup>14</sup> Cf. Elizondo, *La Morenita*, 41.

<sup>15</sup> Caso, *El pueblo del Sol*, 122.

<sup>16</sup> Outros povos tinham Quetzalcóatl como seu deus principal. Ele era amante da paz e da perfeição moral. Esta era a tradição tolteca. Então, quando as crenças astecas foram impostas a eles, como era o sacrifício humano, eles esperavam que a religião fosse regenerada por Quetzalcoatl “que prometeu retornar no ano de seu nome ‘Ce Acatl’ que correspondia ao ano de 1519 da chegada dos espanhóis.” Caso, *El Pueblo del Sol*, 39.

<sup>17</sup> Jacques Soustelle, *Daily Life of the Aztecs on the Eve of the Spanish Conquest* (Stanford, 1961), 94-95.

<sup>18</sup> Cf. Peterson, *Ancient Mexico*, 125.

<sup>19</sup> Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 119.

As pessoas levaram a religião ao extremo. Multiplicavam seus deuses/as particulares. A vida estava cheia de mitos, escrúpulos e superstições sobre o destino.<sup>20</sup> Desde seu nascimento, o indivíduo era marcado pela sorte para o resto da vida. Apesar das limitações da religiosidade asteca<sup>21</sup>, aparece como um sistema religioso consistente.

## 2. UM POVO ESCOLHIDO PARA UMA MISSÃO

Os astecas tiveram que passar por muitas provações até que seu deus Huitzilopochtli lhes concedeu uma terra definitiva. Eram os escolhidos para cumprir uma missão de consequências universais.

*Vou servir-lhes de guia, vou mostrar-lhe o caminho. Então os astecas começaram a vir aqui ... e quando os Mexicas chegaram, eles certamente andaram sem rumo, vieram a ser os últimos. Não foram recebidos em nenhuma parte. Por todos os lugares, foram reprimidos. Ninguém conhecia seu rosto, em todo lugar lhes diziam: quem são vocês? De onde vêm? ... Mas o México ainda não existia. Ainda havia mato e juncos onde agora é o México.<sup>22</sup>*

A profecia era que eles teriam uma terra. Eles interpretaram os eventos naturais como sinais dados pela divindade.

*Uma vez que Quauhcoatl chamou e reuniu os mexicanos, lhes disse as palavras de Deus; 'E, seguindo-o por entre plantas aquáticas e juncos, de repente ao lado de uma caverna, viram a água pousada em um cactus, devorando-o com prazer ... e Deus*

<sup>20</sup> "Os astecas usaram uma mistura de magia e religião para obter boas colheitas, longa vida, saúde, riqueza, bons filhos e felicidades ... Os mexicanos não distinguiram, em termos de espiritualidade, entre objetos animados e inanimados. O além existia como parte do mundo material, quando coisas estranhas aconteciam, os índios achavam que eram naturais e sobrenaturais, uma mistura peculiar de diferentes aspectos da realidade." Peterson, *The Ancient Mexico*, 125-26.

<sup>21</sup> "Os astecas eram ecléticos em assuntos religiosos". Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 21. Deuses adotados e deusas de outros povos. Suas crenças religiosas estavam mergulhadas na superstição. Era uma cidade religiosa, mas ao mesmo tempo muito frágil e de tendência politeísta. "Seu culto era de certa forma, para acalmar a ira de suas divindades... buscando alcançar sua proteção através da penitência e sua religiosidade" Elizondo, *La Morenita*, 24. Uma religião em que "apenas o sacrifício aos deuses os inclina benévolos para resolver as necessidades humanas." Caso, *El Pueblo del Sol*, 124.

<sup>22</sup> Informantes de Sahagún, "Códice Matritense de la Real Academia de la Historia," Fol. 196. Citado em León Portilla Miguel, *Los Antiguos Mexicanos*, 38-39.

*chamando-os disse: 'Oh, mexicanos, está aqui'. Eles choraram e clamaram, enfim fomos dignos e agraciados; Com espanto, vimos o sinal, nossa cidade será aqui'. Isso aconteceu no ano 'ome acatl', duas canas, 1325 da nossa era.<sup>23</sup>*

Foi após 150 anos de peregrinação pelo centro do país que eles encontraram um pedaço de terra com o sinal de que os líderes religiosos interpretaram como uma revelação do deus Huitzilopochtli<sup>24</sup> que era a terra prometida para eles. Assim, o pequeno grupo asteca fundou sua cidade México-Tenochtitlan<sup>25</sup> em 1325 DC.

Seu poder foi estendido para o sudeste do país. Essa era a missão dele. O mesmo sentido de Deus<sup>26</sup> que fez com olharam como um mandato que teve consequências cósmicas; isto é, eles acreditavam que, se não cumprissem a missão, um cataclismo poderia destruir a era atual ou o sol.

### 3. A GUERRA SAGRADA E O SACRIFÍCIO HUMANO

Povos com diferentes pontos de vista asseguram que uma guerra possa ter faces sagradas. Foi assim que os astecas a defenderam. Alfonso Caso oferece uma primeira explicação:

*A batalha foi antes de tudo um meio de capturar prisioneiros; Os guerreiros tentaram não matar no campo de batalha. A guerra não era um mero instrumento político, era sobretudo um ritual religioso, um ato sagrado.<sup>27</sup>*

Matar o inimigo não era a razão da guerra. Os deuses planejavam os enfrentamentos predeterminando o vencedor. A intenção asteca não era subjugar o inimigo massacrado, a população, mas sim ser portadores da vontade de Huitzilopochtli. “Logo

<sup>23</sup> Soustelle *Daily Life of the Aztecs*, 3

<sup>24</sup> Huitzilopochtli... foi também um dos quatro filhos do deus supremo Ometéotl.

<sup>25</sup> “O nome México significa provavelmente ‘no umbigo da lua’.” Peterson, *Ancient Mexico*, 85.

<sup>26</sup> Cf. León Portilla, *Los Antiguos Mexicanos*, 92-93.

<sup>27</sup> Caso, citado em Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 101

que a vontade resultava óbvia para todos, a guerra perdeu seu objetivo”.<sup>28</sup> “Era o sentimento religioso, fruto da revelação... que só Ele é o Senhor de cada vida e só Ele pode dar ou tirar”.<sup>29</sup>

Levaram ao campo de batalha a imagem de seu Deus como sinal de proteção. Os inimigos temiam a esse Deus e a batalha se tornava mais fácil para os astecas. Segundo estes, os inimigos não poderiam vencê-los devido à presença de Deus, porque os deuses já escolheram o vencedor. A guerra não podia começar se houvia um desequilíbrio de forças ou que alguém tomasse o outro de surpresa fazendo a luta desigual.<sup>30</sup>

Jovens se preparavam para ser excelentes guerreiros<sup>31</sup>, e colaborar com os deuses para manter a vida; sem guerra, o futuro fazia-se enigmático. “Já não havia guerra”<sup>32</sup> era uma frase significativa para as pessoas, o que significa que ninguém se importa com a ordem do universo, nem que a catástrofe fosse iminente. Sem a guerra, a própria vontade divina era relegada a um segundo plano e tudo perdia sentido. A guerra era a chave na vida asteca, como parte dinâmica que permitiu a manutenção do mundo. Alimentar os deuses era alimentar o universo, e pela guerra iniciava-se esse processo. O segundo passo foi o sacrifício humano.

*A ideia de sacrifício é comum a muitas religiões ao longo do tempo. Celebrar com seus bens é, de alguma forma, na mente do homem primitivo, relacionado à aceitabilidade do sacrifício. Quanto mais apreciasse a oferta, mais eficaz seria o sacrifício; Para os astecas, o dom mais precioso era a própria vida.*<sup>33</sup>

<sup>28</sup> Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 210-211.

<sup>29</sup> Xavier Escalada, *Santa Maria Tequatlaxupe* (México, 1978), 9.

<sup>30</sup> Cf. Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 208.

<sup>31</sup> “O contínuo treinamento dos homens valentes de México para determinar o valor de cada.” Diego Durán, *Book of the Gods and Rites and the Ancient Calendar*, editado por Fernando Horcasitas y Doris Heyden, (Norman: Univ. Oklahoma Press, 1971), 93.

<sup>32</sup> Expressão do texto do “Nican Mopohua” onde se narram as aparições de Guadalupe no Tepeyac

<sup>33</sup> W. Stanley Rycroft, *Religion and Faith in Latin America*, (Philadelphia: the Westminster Press, 1958),70.

No mito da criação da presente era, os deuses se uniram para criar o ser humano. Os deuses delegam Quetzalcoatl para a obra. Ele vai para ao ‘Mictlan’ ou região dos mortos e obtém os ossos dos antepassados.

Os moe e sangrando o seu membro, extrai o sangue necessário para lhes infundir a vida<sup>34</sup>, entretanto, os deuses fizeram penitência para a vida vir. Uma criança (Oxomoco) nasceu e quatro dias depois uma menina (Cipactonal).<sup>35</sup>

“O homem é o fruto dos deuses, com o seu sacrifício, eles mereceram que a humanidade voltasse a viver.<sup>36</sup> Por isso, eles foram chamados de ‘macehuales’, que significa merecer e voltar à vida pela penitência”. Em 1521, macehual referia-se à “pessoa que não pertencia a categorias sociais, mas que também não era um escravo, sim, pessoas comuns”.<sup>37</sup>

Em outro mito da criação, o deus Nanahuatzin se atirou no fogo para dar vida ao sol, mas o sol ainda não se moveu. Os deuses disseram: “o sol não se move, como podemos realmente dar vida as pessoas? Para que o sol seja fortalecido por nós, vamos sacrificar-nos, nós todos morremos”.<sup>38</sup>

Como responderam os astecas diante da bondade divina? Os deuses se tinham sacrificado, qual seria a resposta? Existe alguma maneira de recuperar a vida aos deuses e, assim, salvar a criação?

Os astecas desenvolveram sua própria mística estabelecendo ritos e cultos para honrar seu deus Huitzilopochtli.

---

<sup>34</sup> O texto original diz: “Quetzalcoatl sangrou seu membro sobre ele, e imediatamente os deuses fizeram penitência... E eles disseram: nasceram, oh deuses, os macehuales (os merecidos pela penitência) porque por nós fizeram penitência (os deuses)”. Manuscritos de 1558, “Leyenda de los Soles” En León Portilla, *La Filosofía Náhuatl*, 118

<sup>35</sup> Cf. Manuscritos de 1958, Fol.75-76. Citado en León Portilla, *Los Antiguos Mexicanos*, 18-20.

<sup>36</sup> Miguel León Portilla, *Aztec Thought and Culture* (Norman: Univ. Oklahoma Press, 1963), 111.

<sup>37</sup> Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 70.

<sup>38</sup> Informantes de Sahagún, Códice Matritense, Fol.180. En León Portilla, *Los Antiguos Mexicanos*, 23.

Outras pessoas amavam e preferiam Quetzalcoatl, o deus da paz, que exterminaria o sacrifício humano. Em volta do século X d.C. os toltecas introduziram o sacrifício humano em grande escala.

Eles adoravam Tezcatlipoca, o ‘espelho defumado’ que favoreceu a prática do sacrifício humano.<sup>39</sup> “Os seguidores de Quetzalcoatl sacrificaram víboras e pássaros Topiltzin (o sacerdote chamado Quetzalcoatl) viveu no 935 d.C.<sup>40</sup>

*Para um homem, sua primeira obrigação era fornecer alimento para nossa mãe e nosso pai a terra e o sol; evadir isso era trair os deuses e, ao mesmo tempo, a humanidade, porque a verdade sobre o sol também o era da terra, da chuva, do crescimento e de todas as forças da natureza. Nada nasceu, nada duraria, exceto o sangue dos sacrifícios.<sup>41</sup>*

O medo de sucumbir à escuridão levou os astecas a se desesperarem. Virgilio Elizondo, falando sobre a evolução do sacrifício, diz:

*Começando com a ideia de unidade total do universo e sensação de sacrifício para todos, levou os astecas à noção de sacrifício humano. Os deuses criaram o mundo e sacrificaram-se para lhe dar vida e movimento ao mundo. Agora eles precisavam do líquido precioso para continuar seu movimento e garantir a vida-movimento das pessoas. O sacrifício humano era uma obrigação sagrada.<sup>42</sup>*

O sacrifício humano não era inspirado por ganância, ódio, perversão, crueldade ou o ciúme, mas pelo amor de Deus e pela humanidade. Era uma honra sacrificar-se pelo bem da comunidade. Através desse sacrifício que garantia a união com o próprio sol.<sup>43</sup> A vítima fazia-se companheiro da águia “Quauhteca”, um dos que acompanhavam o sol, do nascer do sol ao pôr-do-sol, em uma procissão de resplendor e alegria, e logo reencarnado como um bei-

<sup>39</sup> Ana Benson Gyles y Chloe Sayer, *Of Gods and Men, the Heritage of Ancient Mexico*, (New York: Harper and Row, 1980), 59.

<sup>40</sup> Cf. *Ibid*, 60-61.

<sup>41</sup> Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 97.

<sup>42</sup> Elizondo, *La Morenita*, 22.

<sup>43</sup> Cf. Caso, *El Pueblo del Sol*, 95.

ja-flor, que vive para sempre entre as flores.<sup>44</sup> No início do século XIV, os astecas começaram a aumentar o número de sacrifícios.<sup>45</sup>

A vítima era vestida como um deus reverenciado, fazendo-a real a memória do que os deuses tinham feito pela humanidade. “As vítimas, mesmo sendo inimigas, transformaram-nas em objetos de veneração e estima... eram seres consagrados ao culto sacrificial”.<sup>46</sup> Uma vez que o sacrifício foi realizado, em algumas solenidades, o corpo sacrificado era cortado em pedaços e comido. Essa comunhão fazia possível chegar a ser uma só carne com Deus, o que comprometia a quem a comeu, a servi-lo.

#### 4. A EDUCAÇÃO E OS VALORES

A educação começava em casa, porque era um meio de acessar os valores culturais herdados dos antigos.<sup>47</sup> Era obrigatório e o governo monitorava o progresso dos estudantes e fornecia os professores que fossem idôneos no guia dos alunos. A escola recorria a severas punições, pois era uma educação rígida e severa.<sup>48</sup>

As mulheres também participavam do aprendizado das tradições. Elas eram educadas em distintos edifícios. Desde cedo, a menina era levada para a escola do templo para sua educação, até alcançar a idade permitida para casamento.<sup>49</sup>

<sup>44</sup> Cf. Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 44.

<sup>45</sup> “No México, o sacrifício humano em grande escala, foi instituído pelos astecas provavelmente em 1450, quando o mau tempo destruiu as colheitas e causou quatro anos de angústia nacional”. Peterson, *Ancient Mexico*, 145. “Zumarraga disse que em Tenochtitlan 20 mil foram abatidos anualmente; Gomara afirma que o número ultrapassou os 50,000, Acosta diz que em certos dias mais de 50 mil foram sacrificados, Las Casas nega que o número fosse tão grande e o colocou em torno de 100”. Ibid, 146. “Os romanos durante o seu cume derramaram mais sangue em seus circos e coliseu como passatempo do que o que os astecas sacrificaram aos seus ídolos”. Elizondo, *La Morenita*, 26. El número de sacrificios se incrementó ochenta años antes de la conquista. Cf. Broda, Carrasco, Matos, *The Great Temple*, 150ss.

<sup>46</sup> Escalada, *Maria Tequatlalaupe*, 9.

<sup>47</sup> Cf. Elizondo, *La Morenita*, 18.

<sup>48</sup> Cf. Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 169.

<sup>49</sup> Cf. Peterson, *Ancient Mexico*, 110.

O Código de Mendoza<sup>50</sup> diz que havia dois tipos de escolas para a educação dos homens. A primeira, o ‘Calmecac’, era uma espécie de templo-mosteiro que recebia a jovens de 15 anos de idade aproximadamente<sup>51</sup>. Os sacerdotes se encarregavam da educação daqueles que se preparavam para servir como sacerdotes ou em algum escritório do governo. A segunda escola, ‘Telpochcalli’, recebeu jovens que desejavam serem guerreiros.<sup>52</sup> Os guerreiros de experiência ensinavam aos estudantes a arte e o senso de guerra.

As jovens tinham um templo-escola onde aprendiam a desenvolver artes domésticas e aprender a religião. Algumas se consagravam de por vida ao serviço dos templos. Poucas mulheres tinham a oportunidade de se tornarem sacerdotiças de alto nível, as quais deviam viver em castidade perpétua.<sup>53</sup>

Os melhores professores, os homens sábios eram os “Tlaminime”. Eles eram especialistas da tradição. Sua tarefa era ensinar e conduzir os alunos ao mais alto nível que era conseguir “um rosto sábio e um coração forte”.

No pensamento nahuatl, o rosto e o coração simbolizam a conquista humana do crescimento e desenvolvimento. A pessoa nascia ‘sem rosto’ ou anônima, e era ensinada através da sua conduta, adquirir ‘um rosto’, ou seja, para si mesmo e integrar-se à vida da comunidade.<sup>54</sup>

Em casa, os pais eram responsáveis pela educação de seus filhos. O objetivo era obter um certo nível de controle pessoal e distinguir os valores da vida:

---

<sup>50</sup> O Código de Mendoza foi compilado em 1541 por ordem do vice-rei Antônio Mendoza e preserva informações históricas sobre a base de Tenochtitlan, a Confederação Asteca, os impostos aos astecas e seus sistemas educacionais, leis, organização legal, etc.

<sup>51</sup> «Aceitava apenas filhos escolhidos dos nobres e os meninos mais inteligentes de outras classes sociais». Peterson, *Ancient Mexico*, 109.

<sup>52</sup> “Havia também um treinamento moral estrito, com instrução em religião, história, costumes, canto, dança, instrumentos musicais e atenção especial à sua cidadania”. Ibid., 107.

<sup>53</sup> Cf. Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 169-170.

<sup>54</sup> Cf. Elizondo, *La Morenita*, 16-18.

*Os náhuas tinham dois princípios fundamentais na educação dentro do lar: o controle pessoal inculcando por meio de uma série de austeridades às quais a criança tinha que se acostumar; e o conhecimento pessoal e aquilo que devia aspirar, tudo isto era infundido pelos constantes conselhos dos pais.<sup>55</sup>*

Os pais ensinavam valores familiares, como respeitar os idosos e ser um bom cidadão. “O pai é quem põe um espelho na frente das crianças, para que possam aprender a conhecer-se e se tornarem mestres de si mesmo. Corações fortes e rostos sábios eram o sinal de uma pessoa educada”.<sup>56</sup> “Mesmo quando ele era pobre ou miserável, mesmo quando seu pai e sua mãe fossem os pobres dos mais pobres, sua linhagem não era vista, apenas seu gênero de vida, a pureza de seu coração bom e humano, firme”.<sup>57</sup>

Outro objetivo era ensinar os jovens a ler e escrever nos livros das pinturas. Mesoamérica parece ser única no continente em possuir livros de pinturas pré-hispânicas chamadas códices.<sup>58</sup> Pela leitura podiam entrar em contato com o mundo dos antepassados. E pela escrita, através de imagens, comunicaram suas experiências, inclusive o que vai além do mundo material. As pessoas foram ensinadas a ler e escrever tudo por meio das pinturas, tais como: eventos, guerras, vitórias, datas e outros detalhes.<sup>59</sup> “A leitura dos códices era feita pelos Tlacuilos e sua interpretação era limitada aos sacerdotes e aos nobres”.<sup>60</sup> O Pe. Mário Rojas diz: “As pessoas eram especialistas em ler as pinturas, pensavam que Deus era um grande pintor”.<sup>61</sup>

<sup>55</sup> Cf. León Portilla, *Aztec Thought*, 136.

<sup>56</sup> Elizondo, *La Morenita*, 16-17.

<sup>57</sup> Códice Florentino, livro III, fol. 67. Citado em León Portilla, *La Filosofía Náhuatl*, 230.

<sup>58</sup> O Código no México denota uma pintura índia ou uma fonte histórica antiga baseada em uma pintura índia.

<sup>59</sup> Cf. Diego Durán, *Historia de las Indias de Nueva España y Islas de Tierra Firme*, vol.I (México, 1867-80), 257.

<sup>60</sup> Peterson, *Ancient Mexico*, 233.

<sup>61</sup> Mario Rojas, *Versión Literal del Nican Mopobua* (México, 1978), 45-46. n.215. Na escola, as pessoas se lhes ensinava a interpretar as pinturas, ou ao menos tinham a noção de como ler.

As ferramentas para expressar essa interioridade e se comunicar era pelas cores, estilos, luzes, tintas, pinturas, etc. A cor era básica em um códice, dando-lhe qualidade ou simbolizando as deidades.<sup>62</sup> Eles simbolicamente podiam criar um paraíso cheio de flores onde a pessoa era transportada por pássaros de bela plumagem para o mundo da divindade.<sup>63</sup> A representação por imagens era familiar e tinha forte influência sobre eles.<sup>64</sup>

*O bom pintor é sábio; Deus está em seu coração. Põe a divindade nas coisas. Conversa com seu próprio coração. Ele conhece as cores; as aplica e as sombreia. Desenhe os pés e os rostos. Ele lhes dá sombras alcançando a perfeição. Pinte as cores de todas as flores como se fosse Tolteca.*<sup>65</sup>

## 5. IDEIA DE DEUS

Os astecas acreditavam na existência de um Ser Supremo, mas na prática tinham um grande número de deidades no seu panteão. Segundo a tradição antiga, havia apenas um só Deus, mas faziam várias representações com distintos deuses. Vamos ver com cuidado.

### a) Era um povo politeísta?

As pessoas projetavam uma imagem antropomórfica dos deuses de tal maneira que “cada imperfeição humana se torna um deus capaz de superá-la; cada qualidade humana se projeta em uma divindade na qual adquire proporções sobre-humanas ou ideais”.<sup>66</sup> Isso, diz J. Oman, “representava o verdadeiro progresso humano”.<sup>67</sup>

---

<sup>62</sup> Cada direção tinha uma cor; o negro era ameaça; o amarelo simbolizava o sacrifício; o azul representava a turquesa; alguns deuses eram identificados apenas pela cor.

<sup>63</sup> “A escritura mexicana consiste em uma alta abstração convencional e em significativos símbolos.” Peterson, *Ancient Mexico*, 235.

<sup>64</sup> Para mais informação, Cf. Peterson, *Ancient Mexico*, capítulo XIII, pp. 231-247.

<sup>65</sup> Códice Matritense de la Real Academia, libro VIII, fol.117 v. Citado en León Portilla, *Aztec Thought*, 272-73.

<sup>66</sup> Caso, *El Pueblo del Sol*, 12. También, John Oman, *The Natural and The Supernatural* (Cambridge: C. V. P., 1931), 390-404.

<sup>67</sup> Cf. John Oman, Review de R. Otto, *Religious Essays*, *The Journal of Theological Studies*, 33 (1932), 288.

Os astecas são um dos sete grupos vindos do lugar mítico do norte chamado Chicomoztoc.<sup>68</sup> Ao serem conquistados por povos mais poderosos, eles foram obrigados a aceitar os deuses e cultos de seus vencedores.<sup>69</sup> Se esses deuses eram mais poderosos deviam ser incluídos e venerados como os próprios.

*A necessidade de um templo para comemorar os ídolos venerados naquela terra, parece ter sido sentida pelo rei Motecuhzoma. Motivado pelo entusiasmo religioso, ele ordenou que o templo fosse construído (aos ídolos) dentro do templo de Huitzilopochtli. O chamavam de 'Coateocalli', que significa 'templo de muitos deuses' porque dentro, em uma sala, havia incontáveis deuses de outros povos.<sup>70</sup>*

Quando os astecas se estabeleceram, um grande número de templos foi erguido para o culto. As pessoas também adoraram deuses pessoais e familiares. Bernardino de Sahagún fala das inúmeras celebrações em homenagem às divindades astecas. “O povo não admitia que o Deus local estava sujeito a outro, nem que fosse apenas uma invocação de um ser superior”.<sup>71</sup>

Os sacerdotes ensinavam sobre um ser supremo e suas variadas representações. Em teoria, todos concordavam, mas, na prática, o povo tinha uma variedade de pequenos deuses. As pessoas que não estavam acostumadas ao raciocínio abstrato continuaram com suas devoções privadas. “São evidentes os esforços dos sacerdotes para reduzir as múltiplas divindades a aspectos diversos da mesma divindade”.<sup>72</sup>

Os espanhóis catalogaram os astecas como politeístas. Ao serem conceitualizados como idólatras, pediu-se a destruição imediata. Essa foi a justificativa que deram para derrubar todos os monumentos astecas.

---

<sup>68</sup> Chicomoztoc significa ‘as sete covas’ o ‘sete linhagens’. Se diz que quando os astecas estavam à cúspide do poder, Tlacaélel, seu líder guerreiro, enviou um grupo na buscar esse mítico lugar. Mas não encontraram nada.

<sup>69</sup> Cf. Peterson, *Ancient Mexico*, 127.

<sup>70</sup> Diego Durán, *Historia de las Indias de Nueva España y Islas de Tierra Firme*, vol. 1, 456.

<sup>71</sup> Caso, *El Pueblo del Sol*, 17.

<sup>72</sup> *Ibid.*, 16.

É difícil dizer se o povo asteca foi politeísta ou não<sup>73</sup>, mas o passado religioso favoreceu o fato de os mexicanos aceitarem novas ideias em matéria religiosa. O que motivou as pessoas indígenas da época a aceitar e acreditar em um ‘Deus desconhecido’ tão rapidamente?<sup>74</sup> Era apenas um costume de aceitar mais um Deus em seus templos porque isso significava mais um protetor?

*Os deuses, os protetores dos espanhóis, devem ser grandes, muito mais que os próprios. A força de um povo nada mais é do que a expressão do poder dos deuses. O índio pedirá para ser um cristão para agradar aos “deuses cristãos”, para possuí-los sendo possuído, para assinar uma aliança pacífica com eles.<sup>75</sup>*

## **b) Conceito Monoteísta: aspectos masculinos e femininos de Deus**

Na cultura náuatle-asteca existe uma crença em um único Deus cujo nome é Ometéotl. É um deus dual, que vai além das águas e dos céus e apóia o que existe. Acreditavam que tudo tinha sido criado pelo deus dual, masculino e feminino. Ometéotl significa dois-Deus. Um único Deus superior a todo ser humano.<sup>76</sup> Por exemplo, o poeta-rei Netzahualcóyotl, promovia a ideia de adotar um Deus invisível, uma ideia pura, sem qualquer representação. Isso ia de acordo com a tradição tolteca, base da teogonia náuatle-asteca.

---

<sup>73</sup> “Aquele que entrasse nas igrejas católicas sem entender sua religião e linguagem pensaria que temos tantos deuses quanto imagens; e de acordo com as diferenças de nomes, figuras e invocações que damos a Cristo e à sua Mãe, os multiplicaria aos milhares e duvidaria em atribuir divindade aos santos, vendo-os nos altares; templos dedicados ao nome deles; dando a eles lugares de culto, cidades e vilas; proteção para cada um contra certas doenças para certas coisas e em favor de certas guildas, com a circunstância de que em tal parte sua imagem é mais miraculosa que em outra. Com tudo o que ele nos daria por idólatras tolos e extravagantes, assim como o fazem os protestantes. Pois, nem mais nem menos os espanhóis fizeram com os índios.” Servando Teresa de Mier, *El Heterodoxo Guadalupano*, vol. III (México: UNAM, 1981), 52. Obras Completas.

<sup>74</sup> Os astecas tinham construído um templo ao “Deus Desconhecido”.

<sup>75</sup> Dussel, *Historia de la Iglesia*, 125.

<sup>76</sup> Cf. Caso, *El Pueblo del Sol*, 19.

*Têve como falsos todos os deuses que adoravam os desta terra, dizendo que não eram nada além de estátuas... havia um só Deus que era o criador do céu e da terra e sustentava tudo o criado por Ele, e que ele estava onde não tinha outro ... que ele jamais se tinha visto em forma humana ou em outra figura.*<sup>77</sup>

O conceito dual de Deus se conservou na maioria dos povos do México. Era um Deus masculino-feminino, ambos aspectos na mesma entidade.<sup>78</sup> Diferenciavam as duas facetas, dando-lhes nomes masculinos e femininos, e fazendo representações de ambos os sexos da divindade. Deus primeiro gerou filhos e por eles criou o mundo.

*Mãe dos deuses, pai dos deuses, o velho Deus. Ele-ela é o fundamento do universo e como pai e mãe simultaneamente gera e concebe primeiro aos deuses e logo as outras coisas existentes.*<sup>79</sup>

Os códices da teogonia náuatle mencionam a existência de casais de deuses e deusas<sup>80</sup>, exceto com Ometéotl, o Deus supremo que vive em Omeyocan<sup>81</sup>; um único ser, mas com a capacidade de usar ambos os sexos. Tem duas faces ao mesmo tempo: feminina e masculina. Ele-ela concebe e gera dentro de si, fazendo o papel de pai e mãe. “Senhora e Senhor da nossa carne, as duas naturezas de Ometéotl são ainda mais evidentes nesta linha; ele-ela é simultaneamente Senhor e Senhora da nossa carne”.<sup>82</sup> “Este Deus e Deusa gerou quatro filhos”.<sup>83</sup> São eles: Tezcatlipoca Vermelho, Tezcatlipoca Negro, Tezcatlipoca Azul (Huitzilopochtli) e Tezcatlipoca Branco (Quetzalcóatl). Os nomes dependem da ação que realizam dentro do contexto das principais forças da

<sup>77</sup> Fernando Alva Ixtlixochitl, *Historia Chichimeca* vol. 2, (México, 1981), 243.

<sup>78</sup> Cf. Peterson, *Ancient Mexico*, 126

<sup>79</sup> Códice Florentino, livro VI, fol.71 v. Citado em León Portilla, *Aztec Thought*, 32.

<sup>80</sup> Cf. Raphael Girard, *Historia de las Civilizaciones Antiguas de México* (Madrid, 1976), 607-760.

<sup>81</sup> Cf. Caso, *El Pueblo del Sol*, 19.

<sup>82</sup> León Portilla, *Aztec Thought*, 30.

<sup>83</sup> Joaquín García Icazbalceta, “Historia de los Mexicanos por sus Pinturas”, vol.3, 228. Citado em León Portilla, *Aztec Thought*, 33.

natureza: água, terra, fogo e vento.<sup>84</sup> Seus nomes femininos são: Tonantzin, Coatlicue, Cihuacóatl e Toci.<sup>85</sup>

*Coatlicue seria a mãe dos deuses: Sol, Lua e Estrelas. Seus seios ficam caem em abundância porque ela amamentou os deuses e os homens, porque todos eles são seus filhos, e é por isso é chamada de 'Nossa Mãe' Tonantzin; 'a mãe dos deuses' Teteoinan; 'Nossa avó' Toci.*<sup>86</sup>

Quando o nome de Tonantzin aparece como uma das deusas, Campbell diz: “A população indígena aceitou Guadalupe como a miraculosa encarnação de Tonantzin, deusa asteca da terra e fertilidade, nossa Senhora Mãe, que como Guadalupe era associada à lua”.<sup>87</sup> A maioria dos autores estão de acordo em afirmar que a Senhora que apareceu no Tepeyac foi vista pelos índios como a deusa Tonantzin. Mas no Nican Mopohua, onde relata-se a aparição de Maria no Tepeyac, não aparece o nome de Tonantzin.

## II. A VISÃO ESPANHOLA

Os astecas perceberam que cada povo pode entender a realidade de maneira diferente, sobre tudo, quando entram em contato com o mundo europeu. Isso aconteceu em 22 de abril de 1519, quando Hernán Cortés e sua família chegaram ao litoral mexicano, e dois anos depois, em 13 de agosto de 1521, os invasores derrotaram os astecas.

A Espanha era uma das nações mais avançadas da história. Desenvolvera conhecimentos em navegação, domesticação de cavalos, habilidade no uso da roda, uso de sofisticadas armas de guerra. A Espanha era única pelos sete séculos de luta e contato com os muçulmanos.<sup>88</sup>

<sup>84</sup> Cf. León Portilla, *Los Antiguos Mexicanos*, 34, 118, 139.

<sup>85</sup> Cf. Elizondo, *La Morenita*, 22-23.

<sup>86</sup> Caso, *El Pueblo del Sol*, 72-73.

<sup>87</sup> Campbell, “The Virgin of Guadalupe”, 7.

<sup>88</sup> Cf. Elizondo, *La Morenita*, 29.

Os espanhóis tentaram purificar o catolicismo dos conceitos e práticas muçulmanos e, depois de expulsá-los, identificaram-se como um povo escolhido: Deus os elegia para preservar a integridade da fé católica. O governo se sentiu responsável em proteger a religião e, por sua vez, a religião oficial apoiou o governo. Eles estavam, então, prontos para defender a fé e ao rei através da guerra santa e da conversão dos infiéis.

A religião era expressada através de conceitos claros. “O que você fez não foi tão importante quanto o que você falava e (a forma) como você o falava”.<sup>89</sup> O que era válido era o ordenado, nítido e claro da expressão. A ênfase estava na maneira correta de se comunicar e no uso preciso da palavra. Pelo contrário, **não** se confiava nas emoções e nos sentimentos. A preferência da razão sobre a vontade contribuiu para a dissociação do pensamento: espírito e matéria, superior e inferior, alma individual e sentido de grupo.<sup>90</sup>

O projeto espanhol se resume em três palavras: conquista, civilização e evangelização. O papa Alexandre VI com a bula “Inter Caetera” em 1493, aprovou que a Espanha colonizar e evangelizar o hemisfério ocidental. Em 1508, Júlio II, com sua bula “Universalis Ecclesiae”, concedeu-lhes a tarefa evangelizadora dos países que ele acabara de someter, e o rei podia, dessa maneira, incorporar a nova terra sob sua autoridade.<sup>91</sup>

A evangelização estava incompleta.<sup>92</sup> Os dois objetivos a seguir: conquistar mais terras para a Espanha e salvar almas trouxeram resultados contraditórios. O missionário Motolinía conta:

*Não obstante que os espanhóis conquistaram esta terra pela força das armas ... o maravilhoso poder de Deus se manifestou durante a conquista, e essa vasta terra foi conquistada por poucos homens ... Deus milagrosamente torceu os planos dos índios... Deus os*

---

<sup>89</sup> Elizondo, *La Morenita*, 35.

<sup>90</sup> Cf. *Ibid.*, 29-37.

<sup>91</sup> Carlos Bravo, “Evangelización, difícil inicio”, *Christus* 638 (México, 1990), 15. Sept.

<sup>92</sup> “Fue una evangelización incompleta de acuerdo a las intenciones de dominio y del celo por salvar el mayor número posible de almas.” *Ibid.* 16.

*levou ao seio da igreja e sob o rei da Espanha; então os conduzirá para si mesmo, aqueles que ainda estão longe da igreja e não permitirá que mais almas nesta terra se perdam e se condenem e que as idolatrias não sejam mais praticadas.*<sup>93</sup>

Víctor Codina sintetiza os elementos que andaram de mãos dadas ele diz: “evangelho – espada (escravidão); Reino de Deus - reino de Castilla; em nome de Deus - massacres; amor e respeito - sem direitos; missionários - soldados; conquista espiritual - avareza de ouro; fé - extermínio da idolatria; conversão - sobrevivência; filhos de Deus - súditos do rei”.<sup>94</sup>

Logo que os espanhóis pisaram em solo mexicano, ficaram muito impressionados da maneira como a religiosidade permeava todos os aspectos da civilização<sup>95</sup>, mas quando testemunharam o sacrifício humano, ficaram escandalizados.

*A Cidade do México estava tão bem fortificada que parecia que nenhum poder humano seria capaz de tomá-la ... Nenhum dos senhores indígenas acreditava que houvesse poder no mundo que tomasse o México ... Mas Deus entregou a cidade nas mãos de seu povo devido aos numerosos pecados e abominações que eram cometidas na cidade.*<sup>96</sup>

Os espanhóis tentaram impor os próprios valores. A conquista terminou com tudo, os templos e os grandes edifícios foram demolidos pelos vencedores e as pedras dos edifícios astecas foram usadas para erguer novas construções.<sup>97</sup> Eles, tendo diferentes conceitos de religião, erradicaram as crenças locais para implantar as deles. Os missionários e os soldados consideravam-se os donos da verdade e tudo o que estivesse fora de seus con-

<sup>93</sup> Toribio de Motolinía, *History of the Indians of New Spain*, vol. 1 (Richmond, 1951), 139.

<sup>94</sup> Cf. Víctor Codina, “La Nueva Evangelización de América Latina” *Christus* 638 (México, 1990), 30. Sept.

<sup>95</sup> Cf. Francisco Javier Clavijero, *Historia Antigua de México* (México: Porrúa, 1982), 571-578. Colección Sepan Cuantos, 29.

<sup>96</sup> Motolinía, *History of the Indians* Vol. 1, pp.272-73.

<sup>97</sup> Como o palácio do bispo, Cf. Eduardo Hoornaert, *Guadalupe, evangelización y dominación* (Lima: CER, 1979), 9. E igrejas católicas, Cf. Miguel Civeira Taboada, “La Ciudad de México en 1531” *Histórica* II (México, 1988), 6.

ceitos pertencia ao mal. Ritos, cerimônias, tradições locais, etc. eram simplesmente idolatria.<sup>98</sup>

A cultura local recebia todos os poderosos deuses estrangeiros em seus templos, enquanto os recém chegados estavam ligados aos próprios valores religiosos. Estes conceitos eram rígidos devido à história secular da dominação muçulmana e ao esforço para manter a integridade da religião nas suas ideias e práticas.<sup>99</sup> A religião e a atitude dos conquistadores não poderiam coexistir com crenças distintas e para que o cristianismo pudesse se desenvolver, qualquer outra religião teria que ser erradicada. Então, eles fizeram o possível para eliminar qualquer sinal de religião local.<sup>100</sup>

Os estrangeiros entendiam toda aquela abundância de representações como demônios e não como deuses. Pensavam que os pagãos não tinham deuses senão ídolos malignos e, dessa forma, o diálogo entre as duas culturas, náhuatl e espanhol, era impossível. O antagonismo entre essas culturas tornou-se mais evidente quando os espanhóis testemunharam o ritual do sacrifício humano e o corpo era cortado em partes e comido. Eles asseguravam que era canibalismo. O canibalismo consiste em comer carne humana para se alimentar. Isso não levava aos astecas a comê-la, mas essa prática está dentro de um contexto de rito cerimonial.<sup>101</sup> A vítima encarnava ao Deus que se honrava, portanto, após o sacrifício, o corpo da vítima se tornava a carne de Deus e, ao comê-lo, o povo realmente acreditava entrar em comunhão com Deus, tornando-se parte da divindade. Esse tipo de religiosidade era tão estranho para os europeus que o descreviam com indignação.

O missionário franciscano Bernardino de Sahagún conta o que a comunhão com Deus significou para os astecas:

---

<sup>98</sup> Cf. Robert Ricard, *The Spiritual Conquest of Mexico* (México, 1968), 37, 38, 248.

<sup>99</sup> Cf. Dussel, *Historia de la Iglesia*, 86.

<sup>100</sup> Cf. Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 116.

<sup>101</sup> Cf. Peterson, *Ancient Mexico*, 149. Caso, *El Pueblo del Sol*, 98. Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 98.

*Na festa de Huitzilopochtli, faziam farinha e amassavam para formar o que seria o corpo do deus. Quatro sacerdotes estavam presentes. Já formado o que seria o corpo do deus, era “matado”. Um guerreiro perfurou seu coração com um dardo. A seguir fizeram pedaços o pão-corpo de Huitzilopochtli; o coração era para o rei e então o corpo e os ossos, que eram partidos pelos ministros de deus, eram distribuídos pelos bairros entre os índios que se tinham “confessado”. Eles acreditavam que era o corpo de Deus (Teoqualo). Ao comer o corpo de deus, eles se comprometiam a venerar e servir de uma forma mais completa a deus.<sup>102</sup>*

Outro ponto de contraste é o conceito de guerra. Eles eram dois povos guerreiros. Os conquistadores viram a porcentagem da população dedicada nas batalhas e a captura de vítimas para o sacrifício. Soustelle conta a surpresa que os astecas levaram:

*Os espanhóis e os mexicanos não lutaram o mesmo tipo de guerra. Todas as regras tradicionais de luta que instintivamente obedeciam os mexicanos, foram violadas também, instintivamente pelos invasores. Longe de negociar antes da batalha, (eles) chegaram ao México com palavras pacíficas e de repente caíram sobre os guerreiros que dançavam no pátio do templo de Huitzilopochtli e os massacraram.<sup>103</sup>*

Os astecas lutavam tentando capturar prisioneiros como vítimas para o sacrifício. Perder a batalha significava a destruição de toda a sua civilização, incluindo seus deuses, crenças, organização política e sua sociedade. Os perdedores esperavam uma forte debate que definisse o valor que deveriam pagar como tributo aos vencedores. Mas eles mataram tantos guerreiros quanto podiam, fazendo uma guerra em seu estilo, porque tinha que haver apenas um estado: a monarquia e apenas uma religião: a católica.<sup>104</sup> Foi um choque de ideologias, uma guerra com dois conceitos diferentes. Cada lado tinha seu estilo, poder, armas, regras e razão de ser. Esta batalha desigual e definitiva quebrou o império. Foi uma derrota total porque o mundo deles deixou de existir.

<sup>102</sup> Sahagún, *Historia General*, Libro III, C. 1, nn. 2-3.

<sup>103</sup> Soustelle, *Daily Life of the Aztecs*, 213.

<sup>104</sup> Cf. *Ibid.*, 214.

Foi o choque de duas culturas que tinham diferentes crenças, organização e visão da realidade.<sup>105</sup>

## CONCLUSÃO

Toda cultura cria e identifica o que é significativo para ela. Para os astecas, as palavras, cores e símbolos tinham um sentido muito alto, que mais tarde foi demolido desde suas raízes.<sup>106</sup> “Destrua esses símbolos e destrua o povo, acabe com o que faz sentido e o povo é dominado ou desencantado ou desiste e morre”.<sup>107</sup> Este contexto cultural e religioso que foi fortemente misturado, serviu de pano de fundo onde uma nova mensagem estava prestes a surgir. E dado que o povo estava desesperado e privado de suas tradições, o evento de Guadalupe trouxe uma luz de conexão com o passado, isto é, o evento significaria esperança e vida, uma razão para continuar vivendo.<sup>108</sup>

### PARA REFLETIR

1. Que valores você resgata da cultura Nahuatl?
2. Que paralelos você encontra em outras culturas? (Por exemplo, com o povo de Israel).
3. Identifique os obstáculos que impedem o diálogo com a cultura do outro.

---

<sup>105</sup> Cf. Elizondo, *La Morenita*, 64.

<sup>106</sup> Cf. Mier, *El Heterodoxo Guadalupeño*, vol. 3, p. 179.

<sup>107</sup> Andrés Guerrero, *A Chicano Theology* (Maryknoll: Orbis, 1987), 112.

<sup>108</sup> Existem três artigos do CEMLA, do mesmo autor, que se completam com este artigo: *Los Pobres son evangelizados*, Tomo 2, pag. 13-28. *Dos modelos de misión*. (em colaboração com Carlos Mongardi) Tomo 3, pags 9-30. *La Inculturación del mensaje Guadalupeño*, Tomo 4, pags 121-135.